

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**SONHOS DE MARIAS: ARTE NA HISTÓRIA E NO COTIDIANO DE
MULHERES**

MARIA DAS DORES AVELINO ROSA SILVA

GOIÁS

2022



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Maria das Dores Avelino Rosa Silva

Matrícula: 20171100080191

Título do Trabalho: Sonhos de Marias: Arte na história e no cotidiano de mulheres.

Autorização - Marque uma das opções

- 1 (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- 2 () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- 3 () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

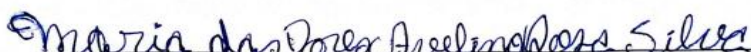
- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Cidade de Goiás-GO, 24 de fevereiro de 2022.


Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARIA DAS DORES AVELINO ROSA SILVA

**SONHOS DE MARIAS: ARTE NA HISTÓRIA E NO COTIDIANO DE
MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Artes Visuais do Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus
Cidade de Goiás, como requisito para a
obtenção da licenciatura em artes visuais.

Orientador/a: Profa. Dra. Ana Rita da Silva

GOIÁS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

709.81

S586s Silva, Maria das Dores Avelino Rosa.

Sonhos de Marias: arte na história e no cotidiano de mulheres /
Maria das Dores Avelino Rosa Silva; orientadora, Ana Rita da Silva –
Cidade de Goiás, 2021.

35 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás,
Departamento de Áreas Acadêmicas, Curso Licenciatura em Artes
Visuais.

1. Autobiografia. 2. Mulher na arte. 3. Educação de jovens e
adultos. I. Silva, Ana Rita, orientadora. II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DAS DORES AVELINO ROSA SILVA

A MULHER NA ARTE E NA VIDA: um sonho de Maria e de muitas Marias

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADA EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Poéticas visuais e Processos criativos, sob orientação do Prof^o. Dr.^a Ana Rita da Silva.

Aprovado em 12 de janeiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.^a Ana Rita da Silva (Presidente - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Prof^a. Me^a. Ádria Borges Figueira Cequeira (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Prof^o. Esp. Cristiane Alves de Araújo (Membro Externo)

(assinado eletronicamente)

Documento assinado eletronicamente por:

- Cristiane Alves de Araújo, CRISTIANE ALVES DE ARAÚJO - VISITANTE - IFG - CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS (10870883001116), em 08/03/2022 09:30:26.
- Adria Borges Figueira Cequeira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/02/2022 17:36:06.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 21/02/2022 13:58:21.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 13/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 236010

Código de Autenticação: 4f211a7b76



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3371-9057 (ramal: 9057)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a presença da mulher na vida e na arte, e como objetivo refletir sobre os processos de silenciamento e exclusões que diversas mulheres vivenciaram, sendo ofuscadas pela hegemonia masculina no mundo das artes. Utiliza como metodologia o relato autobiográfico para falar das experiências da própria autora e suas rupturas com seus lugares de conforto e busca pela inserção no mundo da arte e da profissionalização. Por meio de referências bibliográficas que tratam da temática da mulher no mundo da arte, traça-se um paralelo entre as próprias experiências da autora e suas dificuldades de inserção na vida acadêmica e na produção artística. Por meio dessas referências e de seus relatos, pode-se perceber que houve um longo caminho percorrido por várias outras Marias para que a autora pudesse se considerar uma mulher em conexão com o seu tempo. Esse reconhecimento não é somente com relação às suas realizações pessoais, mas o reconhecimento da igualdade entre os gêneros a partir do universo das artes.

Palavras-chave: Autobiografia. Mulher na arte. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The present work has as its theme the presence of women in life and in art, and the objective is to reflect on the processes of silencing and exclusions that several women have experienced, being overshadowed by the male hegemony in the world of the arts. It uses the autobiographical report as a methodology to talk about the author's own experiences and her ruptures with her places of comfort and search for insertion in the world of art and professionalization. Through bibliographical references that deal with the theme of women in the art world, a parallel is drawn between the author's own experiences and her difficulties in entering academic life and artistic production. Through these references and their reports, it can be seen that there was a long way taken by several other Marias so that the author could consider herself a woman in connection with her time. This recognition is not only in relation to their personal achievements, but the recognition of gender equality from the universe of the arts.

Keywords: Autobiography. Woman in art. Youth and Adult Education

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que como eu, tiveram um sonho, mas que por um motivo ou outro não conseguiram realizá-lo. Dedico também a todas as “Marias” e em especial a minha irmã, Divina Avelino Rosa Silva (in memória), que considero como minha mãe, uma artista na arte da vida, do amor, que criou todos os seus irmãos mais novos com um amor inigualável. Será para sempre minha “Flor de Lis”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a minha família, meus filhos, e todos os professores que fizeram parte deste curso. Agradeço em especial ao meu filho Tiago Avelino da Silva pelo incentivo e pela paciência de estar sempre presente nas minhas horas de dificuldades.

EPÍGRAFE

“nunca haverá uma borracha para apagar o passado, mas sempre haverá um lápis para escrever o futuro” (autor desconhecido).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Encontro na porta do IFG.....	23
FIGURA 2: Visita à igreja do distrito de Ferreiro – cidade de Goiás-GO.....	23
FIGURA 3: Visita à fazenda Babilônia.....	24
FIGURA 4: Visita à fazenda Babilônia.....	25
FIGURA 5 – Desenho mulher com criança.....	27
FIGURA 6 – Ilustração do conto infantil “O menino e o Urso”	28
FIGURA 7 – Ilustração do conto infantil “Chapeuzinho Vermelho	29
FIGURA 8 – Ilustração da história bíblica “O filho pródigo”	29
FIGURA 9 – Desenho de elementos da natureza – folhas	30
FIGURA 10 – Desenho Casa de Cora Coralina	31
FIGURA 11 – Desenho de nu	32
FIGURA 12 – Desenho de nu	32
FIGURA 13 – Museu das Bandeiras pintado em tinta óleo	33

LISTA DE SIGLAS

IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

EJA – Educação para Jovens e Adultos

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A MULHER NA ARTE: FORMAS DE EXPRESSÃO SILENCIADAS	15
3. NARRATIVAS DE UMA VIDA: SONHOS DE MARIA	19
4. ENCONTROS DE MARIA COM A ARTE	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6. REFERÊNCIAS	36

1. Introdução

O universo da arte é repleto de subjetividade, pois a artista reflete em suas obras aquilo que vem de suas vivências. E essa produção artística, a partir do momento que é exteriorizada, observa-se que está impregnada da trajetória de vida da pessoa que a produz. Consequentemente, a artista quando produz algo, transmite aos outros aquilo que há em seu interior, seus desejos, angústias, sonhos, vivências.

Todos esses sentimentos podem ser expressados por diversos meios de arte: seja por pinturas, esculturas, entre outras formas, ou a artista pode expor sua arte por meio dos relatos de sua própria história referente à arte. A esse tipo de exposição realizada pela artista chamamos de autobiografia.

Segundo Tvardovskas (2010) “tradicionalmente, a autobiografia é tomada como um projeto de elaboração consciente de um sujeito sobre a sua própria existência”. Ou seja, o indivíduo transmite ao mundo, por meio da escrita, as suas experiências de vida, seu passado.

Essa volta ao passado muitas vezes traz consigo marcas das vivências de quem está escrevendo, evidenciando problemáticas culturais inseridas na história do indivíduo. Assim, se torna comum presenciar na subjetividade da pessoa que se expõe, o contexto em que ela está inserida.

Dentro desse ponto de vista, com relação ao estudo das artes, presencia-se diversos trabalhos relacionado ao uso da autobiografia de artistas do sexo feminino. Analisando esse tipo de biografia, percebe-se que além da necessidade de expor a arte na perspectiva feminina, esse tipo de trabalho se torna uma forma de escape do universo “masculinizado” das artes.

A partir desse entendimento, me proponho, como mulher, artista, educadora, mãe, apresentar neste trabalho recortes de minhas vivências, evidenciando sonhos adiados e realizações presentes que compõem minha subjetividade de mulher que sonha em ser artista e ao mesmo tempo se descobre como artista ao recortar elementos de suas vivências mais significativas. Para orientar esse trabalho parto de algumas reflexões que fazem com que esta não seja uma escrita literária ou autobiográfica somente, mas que se configure como pesquisa no sentido de compartilhar experiências que sirvam de reflexão sobre como a mulher se insere ou não se insere no mundo das artes, dos estudos, da profissão, do ser mulher em sua completude.

Como essa narrativa pode contribuir com mulheres que se dedicam à arte em seu cotidiano? A arte pode ser um meio de expressão capaz de contribuir para o reconhecimento da

subjetividade feminina e para que sua voz seja ouvida? Este trabalho pode contribuir para a discussão sobre a inserção das mulheres ‘donas de casa’ no mundo acadêmico e profissional?

O interesse de discorrer sobre o assunto partiu da observação dos conteúdos estudados durante a minha formação no curso Técnico em Artesanato (Conservação e Restauro) na modalidade EJA e a Licenciatura em Artes Visuais e suas conexões com meu cotidiano. Outro fator também foi a necessidade de expor o impacto dos aprendizados absorvidos durante esses cursos, fazendo a ligação com minha forma de entender e produzir arte.

Outra inquietação motivadora foi o desejo de mostrar o poder de mudança que a educação exerce sobre as pessoas, principalmente aquelas que se encontram por muito tempo longe das experiências educativas escolares. A partir do momento em que vislumbrei a oportunidade de retorno aos estudos, ingressando nos estudos das artes, comecei a observar que a arte não é somente aquela que é produzida e comercializada, mas tudo aquilo que a pessoa produz no seu cotidiano com uma intencionalidade de desertar a beleza, a reflexão, os sentimentos.

Durante a minha formação, observei que a arte vai além do que é mostrado nas galerias, museus ou exposições. Ou seja, a arte pode ser produzida por uma pessoa que nunca estudou arte. Pode estar presente em seu cotidiano e em sua história de vida, fazendo parte de seu universo subjetivo.

Para elaborar este trabalho me dediquei ao estudo de textos de autoras como Luana Saturnino Tvardovskas, Priscilla Cruz Leal, entre outras, que abordam a presença da mulher na história da arte, refletindo sobre os processos de silenciamento e exclusões que diversas mulheres vivenciaram, sendo ofuscadas pela hegemonia masculina no mundo das artes. Outras tiveram sua expressão induzida para temáticas menos provocativas, enquadradas em formas que não condiziam com seu real desejo de falar por meio da arte, para que suas vozes não fossem ouvidas. Outras, ainda, sufocaram sonhos, adiaram desejos para se dedicarem aos outros, desviando seus talentos para um cotidiano comum, monótono, restrito ao universo do lar.

A partir dessas leituras faço reflexões trazendo minhas experiências por meio de um relato autobiográfico. No relato me chamo em terceira pessoa de Maria, mas sou a primeira, assim como posso ser a segunda e a terceira pessoas que vivem na pele de muitas Marias.

2. A mulher na arte: formas de expressão silenciadas

Assim como em qualquer outro campo da sociedade, há uma evidente diferenciação de gênero tanto na idealização do ser humano como imagem, quanto na idealização do ser humano como produtor de arte. O que se percebe é que historicamente as imagens artísticas que evidenciam o ser humano são predominantemente masculinas. O ser feminino é inicialmente considerado como coadjuvante entre as imagens artísticas. Porém com o surgimento de movimentos artísticos no decorrer da história, a figura feminina aparece em produções artísticas conforme os valores que são atribuídos à imagem da mulher em cada período. A depender do período em que a mulher é representada, ela surge como uma imagem, da qual fazem parte atributos diversos, como beleza física, conformação saudável, formas generosas e maternais.

No cenário artístico brasileiro, essa representação da mulher no âmbito das artes se desenvolveu conforme a evolução da sociedade brasileira. Primeiramente, o feminino é idealizado no meio artístico somente como imagem, ou seja, na sociedade brasileira assim como na maioria das sociedades, a mulher tinha como papel somente os afazeres do lar e a educação dos filhos, não cabendo a elas a produção artística. O conhecimento e a produção artísticos pertenciam a um universo masculino.

Particularmente em um contexto histórico nacional, levando-se em conta a formação da sociedade brasileira no início do descobrimento do Brasil, onde havia uma latente influência da religião no universo artístico, predominando no recém-formado território o movimento artístico barroco, a referência feminina que os artistas da época possuíam era as imagens de mulheres descritas na Bíblia, como Eva, Dalila, Maria e Maria Madalena. Costa (2002) descreve que no primeiro período do movimento barroco, os artistas descrevem uma imagem negativa da mulher, sendo representada muitas vezes por Eva e Dalila, que simbolizavam o ser responsável por situações condenáveis ao homem. E em um segundo momento a mulher simboliza um ser que acolhe e ampara o homem sendo representada por Maria Mãe de Jesus. Costa (2002) continua dizendo que essa personificação de Maria como referência da imagem feminina gerou diversas variações de santidades atribuídas a ela conforme a região do país. Além disso, a autora relata que Maria se faz como referência feminina também porque as referências femininas no início da formação da sociedade brasileira eram mulheres escravas ou mestiças cujo papel na sociedade não condizia com os padrões exigidos para que uma mulher pudesse fazer parte da formação de uma família.

Esse cenário da idealização de Maria como uma referência da figura feminina foi ultrapassado com a chegada da corte portuguesa ao país, onde as imagens prevalecentes eram as pinturas das princesas e baronesas. Superado o período barroco, a figura feminina agora é

retratada de forma diferente. Conservou-se as formas generosas, risonhas e gentis atribuídas às imagens santas, porém nesse período novo chamado de neoclássico, as artes voltam os olhares para a mulher em cenas do cotidiano. Surge também o início do nu artístico.

No período Neoclassista, como bem descreve Costa (2002, p.94) “românticas nas cenas de costumes e despidas ou devassas nos nus, a mulher se torna cada vez mais presente na arte brasileira”. A partir do século XIX, as pinturas pessoais e os retratos ganham destaque no mundo da arte no país, sendo influenciada pelo Realismo. Nesse período da história nacional, a economia era baseada na produção de café e a mulher tinha um papel fundamental na dinâmica do funcionamento das propriedades cafeeiras, pois eram responsáveis pela educação dos filhos pelo comando das atividades das fazendas e outras atividades, enquanto os maridos cuidavam dos negócios inerentes às fazendas. Devido às atribuições mencionadas, as mulheres desse período da história eram retratadas em imagens semelhantes às imagens e fotografias dos homens. As mulheres daquela época preferiam ser retratadas de forma imponente, com uma imagem que impusesse respeito, em vez de demonstrarem delicadeza como nas imagens dos períodos anteriores (COSTA, 2002 p. 114).

No início do século XX, inicia-se uma mudança no contexto histórico da economia. O país começa a se industrializar e as pessoas começam a migrar do campo para a cidade. Nesse período há uma mudança também na idealização da figura feminina no mundo das artes. Como bem retrata Costa (2002, p. 120) “a partir do início do século XX, a pintura deixará de louvar a dignidade da matriarca em suas funções dentro da família, passando a explorar a alma feminina que os pintores já pressentiam nas mulheres e em que se inspiravam na criação de suas cenas de costumes”. Nesse período surge o movimento modernista e com ele aparecem as primeiras figuras femininas não mais como imagem a ser idealizada e projetada nas telas de quadros e retratos, mas como produtoras de artes, tais como Anita Mafalhti, Tarsila do Amaral, Hilde Weber, dentre outras.

No modernismo, as figuras femininas do século XX são muito diferentes das imagens que imortalizaram suas avós nos retratos e pinturas. São jovens, suaves e sorridentes, assumindo um novo sentido de feminilidade. Como escreve Costa (2002, p. 141):

A mulher adota outro modelo: a imagem romântica, graciosa e sensual que já estivera presente no imaginário de homens e mulheres no século XIX, mas que jamais pudera ser adotado como estilo de vida, dada sua incompatibilidade com as relações sociais vigentes. Com o desmantelamento da sociedade agrária, a mulher assume essa imagem que fora reservada, no passado, apenas às anônimas modelos que inspiravam o imaginário masculino dos artistas.

Embora houvesse uma evolução no reconhecimento da figura da mulher mais feminina e menos conservadora, elas ainda eram retratadas por artistas homens. A mulher conquista um papel muito importante, diferente daquele exercido por suas avós, porém ela ainda não é reconhecida como produtora da arte. Conforme Perrot (2009, p. 101 apud Leal 2012 p. 02) “Escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. As mulheres eram impróprias para isso”. Por esse motivo, aceitava-se a mulher como musa, como um ser admirável pelos homens, porém não como alguém que pudesse criar a arte (LEAL, 2012). De acordo com Berenice Lamas (1997 apud Almeida 2010, p. 56) “a escolaridade feminina remete aos papéis tradicionais, ou seja, para a maioria das mulheres, seu destino seria educar-se para profissões femininas como magistério, ou mesmo dedicar-se ao lar e casamento”. Daí se entende que essa educação feminina não era pensada pelas mulheres, mas de um ponto de vista masculino.

Mesmo com a evolução experimentada pelas mulheres no início do século XX quanto a sua aparência (corte de cabelo mais moderno, roupas mais curtas), os modos mais liberais, esperava-se das mulheres uma postura mais servil, onde se continuasse perpetuação da mulher como a figura da “rainha do lar” (ALMEIDA, 2010). Nas palavras de Almeida (2010, p. 60) “era corrente pensar que havia uma ‘natureza feminina’ que conduzia as mulheres a esfera do lar, como se elas fossem dotadas biologicamente de uma capacidade exclusiva de casarem, terem filhos e cuidarem de tudo que envolve a vida privada”. A imagem que era repassada para sociedade a respeito da mulher, era aquela que representava a mãe-esposa, cuja principal e mais importante função era ser dona de casa (ALMEIDA, 2010). Sobre esse assunto Soihet, Soares, Costa (2000, p. 14) descrevem

Na produção doméstica as mulheres são exploradas, ao mesmo tempo, no seu trabalho e na sua capacidade de reprodução: o produto do seu trabalho retorna ao seu tutor legal e a procriação submete-se ao controle da comunidade. As mulheres tornam-se, assim, um “bem de uso”, situação que não é própria aos sistemas arcaicos. Este modo de produção doméstica prolonga-se, com efeito, sob outras formas do sistema capitalista, através das relações familiares de produção.

Devido à existência desse tipo de visão sobre o papel da mulher na sociedade, entende-se a demora no reconhecimento da mulher como produtora de arte. Como descreve Priscilla Cruz Leal, na história das artes, muitas mulheres artistas para terem acesso à produção da arte, precisavam ter algum relacionamento com homens, como laços familiares ou então sendo

amantes deles. Um exemplo citado pela autora foi Camille Claudel, que mantinha um relacionamento amoroso com Rodin e teve seu talento exposto para a grande maioria das pessoas apenas a partir dos anos 1980 por Bruno Nuytten, que transformou a vida da artista em filme.

No tocante à discriminação sofrida pela mulher artista, não diferente do que ocorreu com Claudel e muitas outras artistas na arte ocidental, no Brasil, a participação das artistas mulheres no circuito cultural foi permitida somente 1840 na condição de “amadoras” (LEAL, 2012). A autora mencionada descreve que em 1881 o estudo das mulheres artistas começou a ser possibilitado, quando o Liceu de Artes e Ofício abriu as portas às mulheres. Elas foram aceitas na Tradicional Escola Nacional de Belas Artes somente em 1893. Essa demora no reconhecimento da mulher como artista, fez com que várias artistas não tivessem sua arte registrada na história.

Esse cenário começa a mudar quando as mulheres conseguem se inserir no mercado de trabalho exigindo assim a igualdade de gêneros (LEAL, 2012). Leal (2012, p. 3) diz que “é nos anos 60 que o movimento feminista se fortalece: as mulheres reivindicam liberdade sexual, a liberdade do próprio corpo e a liberdade de expressão. Surgem autoras discutindo o papel da mulher na sociedade”. Esse momento da história passa a ser o ponto chave da produção intelectual; as mulheres começam a fazer história antes mesmo dela ser historiada pelas mulheres e isso faz com que as universidades se abram aos grupos de pesquisa, reconhecendo o valor da mulher e encorajando seus trabalhos e temas (SOIHET; SOARES; COSTA; 2000).

Com essa mudança de cenário, as obras feitas por mulheres passam a retratar questões próprias do sexo feminino, ou seja, maternidade e exclusão social, por exemplo. A arte também passa a ser um meio de expressão e reivindicação para as mulheres (LEAL, 2012). De acordo com Grozenick (2003 p.15 apud Leal 2012, p. 03)

[...] elas começam a reivindicar seus lugares nos museus e na história da arte, a se organizar e a montar suas próprias exposições, a dirigir suas próprias galerias e a dar aulas particulares. Foi a forma encontrada para burlar as estruturas ainda dominadas pelos homens e colocar como tema central o feminismo e a perspectiva deste.

A mulher artista também passa a direcionar sua produção para as questões políticas e sociais, sendo contra o racismo, a violência e todas as imposições sofridas pelas mulheres. Elas também passam a demonstrar sua própria história (autobiografia), revelando as vivências pessoais, transformando-as em experiências estéticas. Com as conquistas básicas experimentadas pelas artistas no século XX, acreditava-se que a igualdade entre os gêneros

seria questão de tempo, pois as mulheres conquistaram a possibilidade de estudar e de fazer parte do meio acadêmico e, por esse motivo, teria lugar de destaque tanto quanto os homens artistas, pois seriam analisadas por suas obras (LEAL, 2012). No entanto, Almeida (2010, p. 62 e 63) destaca o pensamento da escritora Alexandra Kollontai em seu livro “Marxismo e a revolução sexual”

Influenciadas pelo marxismo, pela história social, pela filosofia linguística e pela psicanálise, acabaram por questionar os postulados e categorias mais acarinhados da história da arte. Essas feministas ainda sustentavam que alguns conceitos como autoria, originalidade, e obra-prima não são os fundamentos da criatividade mas, antes, as consequências dos processos culturais pelos quais feminilidade e masculinidade são preservados.

Observa-se que mesmo com todas as conquistas das mulheres artistas e os avanços na história da arte, a diferenciação entre a arte produzida por homens e mulheres continua latente. Há a necessidade de um maior reconhecimento da arte feminina e da mulher como produtora de arte.

3. Narrativas de uma vida: sonhos de maria

Maria é uma mulher sonhadora e um dos seus sonhos era de um dia se tornar professora. Desde criança, nas brincadeiras com as coleguinhas, ela sempre era a professora e as outras crianças as alunas.

Maria começou a estudar aos nove anos de idade, pois naquele contexto não havia idade obrigatória para começar a estudar. Como ela morava com sua família na zona rural e não havia escola na região, teve que se mudar com seu pai e irmãos para a cidade e só assim começou a estudar.

Maria foi matriculada na escola Mestre Nhola na cidade de Goiás, onde fez todo o primário. Terminando o primário, fez o ensino fundamental no Colégio Estadual Professor Alcides Jubé, do 5º ao 8º ano.

Ainda criança, Maria sonhava em ser uma pessoa independente mas sabia que para isso precisava ter uma profissão. Como nas brincadeiras de criança Maria sempre era a professora, desejava exercer essa profissão um dia. Aos 12 anos, Maria que era órfã de mãe também acabou perdendo o pai e precisou trabalhar para ajudar os irmãos a se sustentarem. Ela começou a trabalhar na casa de duas professoras e a convivência com elas fez crescer ainda

mais a vontade de ser professora. Ela observava a dedicação que as professoras tinham pelo trabalho e o prazer que elas sentiam quando exerciam o magistério. Maria se admirava porque as senhoras para quem ela trabalhava eram professoras de alfabetização, justamente o que ela queria ser. Maria sonhava em viver tudo aquilo que ela presenciava e ter a oportunidade de ajudar alguém, em algum dia, a iniciar os primeiros passos na vida escolar.

No ano de 1984, Maria se casou, aos dezoito anos, e logo engravidou. Estava cursando o 8º ano e mesmo grávida, conseguiu terminar o ensino fundamental. Mas com o nascimento do seu primogênito, preferiu abrir mão do seu sonho para se tornar mãe em tempo integral que também era um outro sonho que ela tinha, já que tinha muita afinidade com crianças.

Desde então, Maria passou a dedicar sua vida inteiramente à família e teve mais dois filhos. Com isso, ausentou-se totalmente da sala de aula. Passados alguns anos, com seus filhos ainda crianças, houve um anúncio de rádio de um concurso público feito pela prefeitura em sua cidade, onde Maria se inscreveu para o cargo de auxiliar de ensino.

No edital do concurso, o grau de escolaridade exigido era a primeira fase do primário (de 1ª a 4ª série) e Maria que tinha concluído todo o ensino fundamental se arriscou na esperança de ser aprovada mesmo cuidando de três crianças e de casa. Maria ainda encontrava tempo para estudar com alguns livros emprestados por sua cunhada que também era professora. Sua cunhada ajudou dando algumas aulas, o que a fez recordar o que havia estudado tempos atrás.

Então, chegou o grande dia do concurso. Apesar do nervosismo, Maria foi fazer a prova, deixando suas crianças com o pai. Ela então fez a prova e saiu com a certeza de que seu esforço não foi em vão. Percebeu que tinha grande chance de ser aprovada e saiu da sala bastante otimista.

Passaram-se alguns dias e saiu o resultado. Maria foi aprovada, e o que é melhor, em 2º lugar no concurso. Ela ficou que era só felicidade com a esperança de que com o pouco estudo que tinha iria então realizar o seu sonho.

Um certo dia, Maria havia saído para ir ao supermercado, quando um funcionário da educação foi até sua casa com a portaria de convocação para o cargo que ela havia ido aprovada no concurso, mas não a encontrou. O funcionário a encontrou, então, no caminho de volta e lhe disse que ela tinha sido convocada para assumir o cargo, porém a vaga disponível era para lecionar na zona rural, informando também que, caso o cargo não lhe interessasse, ela deveria assinar a desistência ali mesmo.

O mundo de Maria ficou confuso, apesar do desejo imenso que tinha de assumir a função de professora, para a qual tinha se preparado. Pensou em suas crianças. Com quem as deixaria para ir trabalhar? Então, em um momento de desespero, o espírito materno falou mais alto e o sonho de Maria mais uma vez foi adiado. Com apenas 21 anos assinou a desistência ali mesmo e nem se pensou em buscar seus direitos. Se fosse hoje, mais experiente, ela teria procurado alguém para orientá-la, pois poderia assumir o cargo e depois pedir transferência para a zona urbana. Hoje Maria entende que foi constrangida a desistir de seu sonho, foi enganada em sua ingenuidade, pressionada a escolher entre o papel de mãe e o de profissional, e somente agora entende que esses dois papéis não precisam estar separados.

Passaram-se os anos, os filhos de Maria cresceram, estudaram e se formaram. Alguns anos depois decidiram casar-se, com um espaço de tempo de apenas dois anos e já estavam os três casados, e construindo suas próprias famílias. Maria seguiu com seu esposo, e então percebeu que seus filhos haviam crescido, e como pássaros bateram as asas e voaram.

Maria agora ocupava seu precioso tempo cuidando da casa e de seu esposo, mas para ocupar ainda mais seu tempo, decidiu trabalhar com artesanato, com agulhas e linhas, fazia crochê e sentia um prazer enorme em fazê-lo. Confeccionava lindas peças, que às vezes vendia e outras ficava para si própria.

Um dia, conversando com uma amiga, ficou sabendo que no Instituto Federal de Goiás, que acabava de ser implantado em sua cidade seria ofertado o curso Técnico em Conservação em Restauro na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Maria se interessou pela novidade, mas ao mesmo tempo acreditava que era demasiado tarde para ela, afinal já haviam se passado vinte e oito anos que ela deixara a escola. Para ela parecia algo tão distante voltar a ocupar uma cadeira em uma sala de aula, que nem acreditava que isso fosse possível. Mesmo assim pensou sobre o assunto por vários dias, decidindo em um almoço de domingo, onde sua família tinha o costume de se reunir em sua casa. Aproveitando a presença de todos, pediu opinião sobre o assunto, contou tudo sobre voltar a estudar e pediu opinião dos demais, esposo, filhos e noras, o que eles achavam, temendo ouvir um “tarde demais”, afinal ela já estava com quarenta e oito anos, e teria que dividir um espaço com pessoas bem mais jovens que ela. O medo era grande, pois estava diante de um grande desafio, mas mesmo assim tinha esperança de ouvir um sim de todos.

Antes que todos falassem algo seu filho mais velho levou-se da mesa e pediu a palavra, dizendo “minha mãe, a senhora abdicou dos seus sonhos para cuidar da sua família quando precisamos, nada mais justo que apoiá-la em sua decisão em voltar a estudar, e eu a ajudarei no que for necessário, em todos os seus trabalhos e dificuldades que tiver”. Assim

todos concordaram com ele e a apoiaram na decisão.

Com o apoio de toda família Maria teve a segurança e coragem de que precisava, então decidiu se informar sobre como se inscrever, e afinal fez sua inscrição. Ficou aguardando, porque disseram que teria uma entrevista e a avisariam o dia certo. Maria esperou com grande expectativa. Avisaram então que a entrevista seria no domingo às nove horas, então ela teria que comparecer ao IFG, que estava instalado provisoriamente no antigo Quartel do XX na Praça do Chafariz de Caldas cidade de Goiás.

Chegou o esperado dia, Maria muito nervosa pensou várias vezes em desistir, mas a realização do seu sonho falou mais alto, então ela decidiu ir. Compareceu no local, no dia e hora marcados.

Maria saiu-se muito bem na entrevista, respondendo a todas as perguntas com sinceridade. Então foi para casa e ficou esperando. Quando estivesse tudo pronto, ela seria avisada para fazer sua matrícula. Passaram alguns dias e em uma ligação disseram que havia sido aprovada. Maria ficou muito feliz em pensar que voltaria novamente para uma sala de aula, ela fez sua matrícula e ficou aguardando o dia do início das aulas. A partir dali começava uma longa trajetória, mais do que havia imaginado.

4. Encontros de maria com a arte

O retorno de Maria à vida acadêmica por meio da Educação para Jovens e Adultos lhe proporcionou os primeiros contatos com o universo da arte, para além de suas experiências com o artesanato doméstico. No curso técnico em Conservação em Restauro em que teve momentos inesquecíveis. Em tudo, no aprendizado, na convivência com os colegas e professores, nas viagens, nas confraternizações.



Figura 1: Encontro com colegas na porta do IFG. Acervo da autora.

As aulas teóricas eram específicas do ensino médio e nas aulas práticas ela participava de visitas aos prédios que estavam sendo restaurados na cidade, como o prédio do Mercado Municipal, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, local onde Maria fez uma parte do seu estágio, prédios históricos nos distritos do município como Buenolândia e Ferreiro.



Figura 2: Visita à Igreja do distrito de Ferreiro – cidade de Goiás-GO . Acervo da autora.

Quando estava cursando a EJA o instituto estava instalado provisoriamente no prédio que antigamente abrigava o Quartel do XX. O piso do prédio era feito de Mesanela – uma mistura de cal e argila –, um dos objetos de estudo do seu curso. Nas aulas práticas Maria fez várias miniaturas de edificações com taipa de pilão, conhecida popularmente como adobe. Durante o curso, conheceu lugares que jamais imaginaria conhecer.

Em visitas técnicas aos centros históricos de outras cidades, como em Pirenópolis-Goiás, um dos locais visitados foi a fazenda Babilônia, onde Maria conheceu a planta da senzala onde viviam os negros escravizados, os grilhões que os mantinham presos, os chicotes que eram

usados para os açoitarem, entre outros objetos. Ao lado da Casa Grande ficava a capela onde eram celebradas as missas. Ela também visitou outros prédios históricos no centro da cidade, dentre eles a Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Igreja dos Pretos.



Figura 3 e 4: Visita à fazenda Babilônia. Acervo da autora.

Em uma das viagens que fez realizou o sonho de conhecer a cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, cidade histórica que tinha relação com o curso que estava fazendo. Ficou encantada, pois os prédios históricos, as ruas calçadas de pedras, as ladeiras, a história do lugar, eram muito parecidos com os existentes na cidade de Goiás, onde vivia.

Durante essas experiências Maria percebeu muitas mudanças em sua forma de ver o mundo, percebeu que a vida não era só aquele ‘mundinho’ em que vivera toda a sua vida como dona de casa. Abriram-se novos horizontes para ela. Maria se sentiu crescendo como

pessoa e pode refletir sobre sua dependência em relação à família e o quanto o retorno aos estudos lhe permitiram desenvolver mais autonomia e liberdade. Percebeu que muitas coisas que não fazia sozinha eram por medo de errar. Passou a ter mais contato com as tecnologias digitais que eram um problema para ela.

Nos dois últimos anos do curso, Maria viveu a parte prática do restauro como a restauração de imóveis por meio da construção de miniaturas de casas com taipa de pilão. Aprendeu a fabricar a taipa de pilão para levantar uma casa. Esses são apenas pequenos exemplos do que Maria aprendeu no curso. Passaram-se os quatro anos e Maria terminou o ensino médio.

Logo após concluir o ensino médio Maria ingressou no curso de licenciatura em Artes Visuais, por meio de um processo seletivo na mesma instituição. Os estudos realmente fizeram sentido em sua vida, por meio do curso técnico em conservação e restauro, e agora a licenciatura em artes seria uma possibilidade de continuar suas experiências com a arte e a ampliação de seus conhecimentos. Além disso, a licenciatura finalmente lhe abriria as portas para a sonhada profissão de professora.

Quando começou a licenciatura Maria teve algumas dificuldades, principalmente na parte prática dos desenhos. Sempre teve mais habilidade com a pintura e trabalhos manuais, especialmente com as linhas. Mesmo assim ela prossegue, sentindo que era necessário interagir com outras formas artísticas, buscar mais de si mesma, reconhecer-se. Por várias vezes pensou em desistir, mas a vontade de vencer falou mais alto, porque achava que na arte maior, que é a arte de viver, estaremos sempre lutando e vencendo desafios.

No primeiro período do curso a professora de arte pediu como primeira atividade que todos pegassem algo que tivesse uma grande importância sentimental para si, e levasse para a sala de aula. O objeto seria discutido durante a aula e depois seria levado para casa para que sobre ele os estudantes fizessem uma atividade artística. Maria pegou uma foto de sua adolescência em que está segurando em seus braços uma criança, uma menina, sua sobrinha e afilhada que considera como uma filha.

Acreditando que não conseguia desenhar como havia pedido a professora, pediu ajuda a nora Lorena, que cursava o terceiro período da licenciatura em artes visuais, que tem grande habilidade em desenhos. Ela aceitou e fez o desenho, ambas acreditando que passaria despercebido para a professora.

Quando Maria entregou o desenho, a professora lhe perguntou se foi ela mesma quem desenhou ou se foi outra pessoa, pois estava muito realístico para alguém que antes havia dito que não sabia desenhar. Apreensiva e com voz trêmula disse que tinha sido ela mesma.

Mais uma vez ela insistiu na pergunta, então Maria percebeu que não adiantaria mentir e confessou a verdade. A professora educadamente convidou Maria para uma conversa depois que a aula terminou.

Conversaram muito e a professora lhe fez ver que era capaz de fazer o desenho mesmo que não considerasse tão “belo” quanto o que havia apresentado. Então ela me disse que queria ver o desenho com o traço de Maria e lhe deu mais alguns dias para entregar o trabalho. Pediu que se esforçasse mais e acreditasse em seu potencial expressivo.

Naquela mesma noite Maria fez seu primeiro desenho da licenciatura em artes visuais. Sentiu que não ficou bom, ficou “péssimo”. No outro dia, de novo e de novo. Até que no penúltimo dia antes da entrega do trabalho, disse para si mesma “hoje eu consigo” mesmo que lhe custasse o restante da noite. Entrou madrugada a dentro, mas conseguiu; não ficou “idêntico à foto”, mas foi o que deu para ser feito (fig. 1).



Figura 5: Desenho Mulher com Criança. Acervo da autora.

Mas que noção Maria tinha de “beleza” e “perfeição”. O que a levava a enxergar sua produção artística como não ideal, não adequada? Que parâmetros de arte conhecia?

Na aula seguinte, entregou à professora e se desculpou caso não tivesse alcançado os objetivos do trabalho. Mas para a surpresa de Maria, a professora olhou bem e disse que ficou muito bom, pois ali estava o seu traço, o seu eu, e que este seria somente o primeiro de muitos outros que estavam por vir, uma vez que o curso estava apenas começando. Maria ficou feliz, pois torto ou não, era o seu, a sua identidade artística. Essa experiência fez com que Maria começasse a acreditar em seu próprio traço, e aos poucos ia perdendo o medo de se expressar por meio da arte.

Nos outros trabalhos que fez, ainda no primeiro período, os resultados foram elogiados, muitos deles surpreenderam aos próprios colegas, como o da figura 2. Maria percebia algumas vezes que havia dúvidas sobre sua autoria por parte dos colegas, que evidenciavam surpresa quando ela apresentava seus trabalhos. Ela pensava: “Acho que eles vêm em mim uma senhora, dona de casa, mãe, mas não uma artista”. Outros trabalhos vieram sobre contos infantis, como O menino e o pai urso; Chapeuzinho Vermelho; O Filho Pródigo; entre outros (figuras 2, 3 e 4), ou experimentando desenhos de observação a partir de elementos da natureza, como na figura 5.



Figura 6: Ilustração do conto infantil O Menino e o Urso. Acervo da autora.



Figura 7: Ilustração do conto infantil Chapeuzinho Vermelho. Acervo da autora.



Figura 8: Ilustração da história bíblica O filho pródigo. Acervo da autora.



Figura 9: Desenhos de elementos da natureza - folhas. Acervo da autora.

Em uma aula fora de sala, a professora levou a turma a conhecer as dimensões e retas diante de um “ícone” da cidade de Goiás, a casa de Cora Coralina, que tantos artistas locais pintam e desenharam nos mais variados formatos e estilos. Sentada à beira do rio, com lápis e papel na mão, Maria viveu a aventura de pela primeira vez criar um desenho de observação ao ar livre, e isso foi uma experiência que a fez se sentir de posse de sua vida de artista, inserida em um curso de artes, junto aos colegas e a professora, as pessoas passando, olhando, curiosas com o que estava acontecendo ali. Maria fez o esboço da casa, com grafite sobre papel (figura 6).

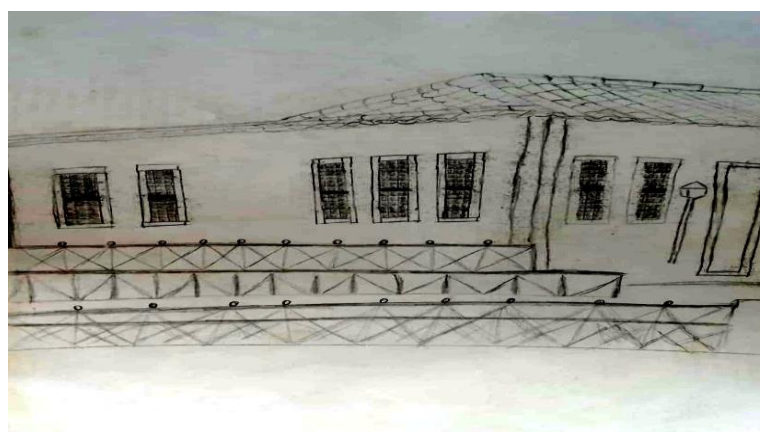


Figura10: Casa de Cora Coralina. Desenho da autora.

Começa o segundo período do curso com a mesma professora. Outro desafio chegava: participar de uma aula de desenho de nu artístico, que valeria nota. O modelo era um colega de turma que havia se oferecido para posar. Quanta apreensão com a situação! Ali Maria pode entender o que significava estar em um curso de artes, e quantas desconstruções isso

poderia gerar em seu modo de ver o mundo! Mas será que ela estava preparada para isso? Nesse momento colocou mais uma vez em cheque o que entendia sobre arte, o que ainda lhe causava estranhamento.

No dia em que foi marcada essa aula, não compareceu. Foi a estratégia que inventou para se livrar da situação. Todos os colegas compareceram, menos ela, que nem era de faltar. Mas era preciso explicar à professora. A honestidade de Maria não permitia que silenciase ou apenas ignorasse a situação. Na aula seguinte, chamou a professora para uma conversa e dessa vez era ela quem precisava falar. Disse que por mais que precisasse da nota, não conseguiria participar da avaliação, pois para ela que foi criada numa família tradicional, uma pessoa religiosa, era difícil participar e desenhar um colega nu.

A professora se pôs a pensar, entendendo a situação, ela sabia o quanto o curso era importante para Maria, e compreendia os choques culturais que a arte pode provocar nos estudantes. Então disse que lhe daria outra oportunidade para recuperar a nota fazendo alguns desenhos de meninos e meninas com roupas de banho, não totalmente nus (figuras 7 e 8). Era importante desenhar o corpo, ela dizia. Mostrar os traços anatômicos, de algum modo, explorar as linhas da silhueta humana. Foi uma tarefa difícil ainda assim, pois não era um desenho apenas, mas uns dois ou três e o tempo estabelecido era curto. Mas aceitou o desafio e conseguiu entregar os desenhos, cumprindo a tarefa.



Figura 11 e 12: Desenhos de nu. Acervo da autora.

Foi a partir do terceiro período que Maria percebeu o quanto foi grande o seu desenvolvimento no curso, especialmente nas aulas práticas. Pode perceber que a arte vai muito além dos desenhos e pinturas, é um modo novo de pensar, de perceber o mundo, de desconstruir valores. Fora da instituição as pessoas perguntavam “O que é arte?” ou “O que vocês fazem neste curso, é só desenho, pintura, ou o quê”? Às vezes era difícil responder a essas perguntas. A arte é uma experiência para quem a vive, participa dela, reflete junto, aprende a se expressar e a observar a expressão de outras pessoas. Mas ao tentar responder aos outros o que significava o curso, o que se fazia nele, qual a sua importância, Maria pensava ela própria nessas questões, e refletia sobre o significado da arte em sua vida. Mas isso era uma coisa que ela precisaria descobrir aos poucos, com cada obra lida e interpretada, cada desenho traçado, cada objeto produzido, cada exposição que ia ou que participava junto aos seus colegas, quando os professores reuniam todos os trabalhos, em um processo que chamavam de “curadoria”, e os expunham em um local na instituição.

As artes nos permitem viajar em um mundo imaginário, ir além do que a realidade cotidiana oferece, ou mesmo enxergar essa mesma realidade com outros olhos. Foi assim que Maria fez uma pintura com tinta óleo, representando uma das construções mais antigas da cidade, o Museu das Bandeiras, em uma tela em tecido de 30x40cm (Figura 9).



Figura 13: Museu das Bandeiras pintado em tinta óleo. Acervo da autora.

Durante o curso a turma fez algumas visitas em exposições e museus de outras cidades, que Maria nem sempre podia acompanhar, mas uma delas marcou muito devido ao

encontro com obras de arte contemporânea, e destas, algumas chegaram a chocar e causar um profundo impacto no modo como Maria vivenciava a arte. Uma dessas exposições continha uma obra que era uma pirâmide no formato de fezes humanas. Certo que não era real, mas eram idênticas a fezes de verdade. Outra exposição na mesma galeria tinha restos de construção civil, como tijolos quebrados, pedaços de concreto, entre outros. Essa exposição mudava definitivamente o conceito que Maria tinha sobre arte, beleza e perfeição.

Maria percebeu o quão importante foi a arte durante a sua trajetória desde que voltou à sala de aula, tanto no ensino médio quanto na graduação. Através da Arte ela encontrou novos caminhos, percebeu uma maneira diferente de ver o mundo. A arte lhe ensinou a perceber que, assim como uma imagem pode ter diversos significados dependendo do ângulo em que ela é observada, as situações do cotidiano possuem seus significados conforme os ângulos em que a pessoa as observa.

Muitas dificuldades vieram durante esse percurso. Por mais que Maria evoluísse na realização de seu sonho, percebia as suas dificuldades. Dificuldades em compreender as matérias, de realizar os trabalhos como artista, dificuldades dentro da sala de aula durante o estágio, entre outros desafios. Além disso, outra limitação devido a condição de ser mulher era o fato de conciliar os estudos das artes com os afazeres do lar e do cuidado com a família.

Durante os estudos para a fundamentação teórica deste trabalho, Maria percebeu o quão difícil é a inserção da mulher no mercado de trabalho dominado pelo patriarcado, onde a hegemonia masculina domina a maioria das áreas profissionais, sendo a arte uma dessas áreas. E quando elas conseguem se inserir no mercado de trabalho, as relações trabalhistas são muito desiguais devido ao privilégio despendido ao sexo masculino.

Ainda assim, ela se sente realizada como profissional e como artista. Não uma artista que pinta quadros para exposições, ou que tem reconhecimento público por sua arte, mas uma artista que lutou durante nove anos para que, de uma forma ou de outra, seu sonho se tornasse realidade. Não somente o sonho de ser uma professora atuante em sala de aula, mas de uma pessoa que foi atrás de seu objetivo de não ser mais considerada como a mulher dos séculos passados, que tinha seus sonhos subjugados pelo patriarcado, pela misoginia.

Para que seu sonho seja completo, ela deseja que várias outras Marias possam ter seu reconhecimento como mulheres/artistas/profissionais, mulheres que rompem com um passado de opressão ou que adiam indefinidamente seus planos para viverem os planos de outras pessoas. Não que ela não se sentisse realizada como esposa e mãe. Mas é que agora ela sabe que pode ser isso e muito mais. A arte lhe ensinou isso, principalmente a arte de mulheres que se expressaram e gritaram suas ideias e sentimentos por meio de suas obras.

Considerações Finais

Abordar o tema proposto neste trabalho de conclusão de curso foi enveredar em um campo onde expus meus sentimentos e inquietações, não somente quanto ao desejo de me tornar uma profissional, de um dia poder exercer uma carreira no magistério, mas o de realização pessoal sobre a lacuna de não ter conseguido concluir meus estudos na juventude.

Neste sentido, expus situações enfrentadas durante a formação no ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos e posteriormente na licenciatura em Artes Visuais, que são dificuldades apresentadas por pessoas que decidem retomar seus estudos após longo período fora do ambiente escolar. No decorrer do trabalho deixei claro que tive que me atualizar e adequar aos processos de ensino e aprendizagem, sobretudo na produção artística e na apreciação da arte contemporânea, que me causou grande estranhamento. Diante dessas limitações percebi que a ausência do mundo acadêmico, a falta de frequência ao universo da arte, se tornaram barreiras que tive que transpor para dar continuidade aos estudos e obter minha formação em um curso de conservação e restauro e na licenciatura em artes visuais.

Estas narrativas contribuíram para minha própria reflexão sobre esses processos, que nem sempre foram claros. Nisso a arte contribuiu para eu me enxergasse na própria obra, que reconhecesse minha identidade, meu traço, meu jeito Maria de ser. A cada vez que meus colegas olhavam meus desenhos e ficavam admirados, e se perguntavam se ‘fui eu mesma’ que fiz, percebi o lugar que uma mulher de meia idade, dona de casa, ocupa no imaginário das pessoas quando busca se inserir nesse universo. E quando eu mesma tinha que repetir várias vezes um desenho, não aceitando os resultados, buscando um traço realista, aprendi a aceitar meus próprios traços, encontrar minha identidade naquele jeito de desenhar e perceber que isso é arte, porque arte é expressão e não cópia.

Com relação à mulher no mundo das artes, ou seja, a mulher artista, vivenciei a satisfação de produzir a arte e presenciar a arte no meu cotidiano, pois aquele era um universo totalmente novo para mim. Por meio das referências bibliográficas, pude perceber que houve um longo caminho percorrido por várias outras Marias para que eu pudesse me considerar uma mulher em conexão com o meu tempo, meus desejos e realizações. Esse reconhecimento não é somente com relação às minhas realizações pessoais, mas o reconhecimento da igualdade entre os gêneros a partir do universo das artes.

Espero assim que esse despretensioso trabalho autobiográfico possa contribuir com reflexões em torno da atividade feminina na sociedade, a necessidade que essas mulheres têm

de completar seus estudos, se encontrarem para além das experiências com o universo doméstico, romperem com as dificuldades e limitações impostas (às vezes de forma suave e desaperccebida) que as mantêm presas ao domínio do próprio lar e ali se acomodam, sem buscar seu desenvolvimento pessoal em outros âmbitos sociais. As mulheres querem ser donas de sua própria vida, no sentido de ter o poder de escolha para exercerem sua vocação, seja como profissionais, mães, pesquisadoras, donas de casa, ou em todas as funções simultaneamente.

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Flávia Lemes de. *O feminino na arte e a arte do feminino: movimentos libertários do século*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/mqk8h/pdf/almeida-9788579831188-05.pdf>. Acesso em 10 de dez 2021.

COSTA, Cristina. *A Imagem da mulher: Um estudo da mulher brasileira* – Rio de Janeiro – RJ, SENAC Rio, 2002.

LEAL, Priscilla Cruz. Mulheres Artista: Há desigualdade de gêneros no mercado das artes plásticas no século XXI?. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/wp-content/uploads/Mulheres-Artistas-revisado-2.pdf>. Acesso em 10 de dez 2021.

SOIHET, Rachel. SOARES, Rosana M. Alves. COSTA, Suely Gomes. *A História das mulheres*. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30986>. Acesso em 10 de dez 2021.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. *Autobiografia nas artes visuais: Feminismos e reconfigurações da intimidade*. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys17/arte/luana.htm>. Acesso em 14 de jun 2021.